



O CONHECIMENTO MODERNO ESTRUTURAL: ENCONTRO DA PÓS-MODERNIDADE COM EPISTEMOLOGIAS “OUTRAS”

Eixo 02 – Educação, Comunicação: fundamentos e teorias

Rafaela Matos de Santana CRUZ¹
Ilka Miglio de MESQUITA²

RESUMO

Este texto é fruto de um recorte teórico desde a modernidade até a pós-modernidade, as quais terço, como objetivo analisar alguns teóricos e suas teorias ou teorização na modernidade epistemológica e na pós-moderna, que estabeleceram o uso da razão como ferramenta de formulação de conhecimento científico, ou para muitos a busca da verdade científica. Além de estabelecer o entendimento do porquê, as teorias da pós-modernidade lançam uma crítica a estes paradigmas modernos sobre as verdades do conhecimento científico. Embasado em uma pesquisa qualitativa, estabelecerei conversação e apresentarei autores da modernidade e da contemporaneidade e seus estudos, eles são: René Descartes (2007), John Locke (2012), Immanuel Kant (1999), Marx (2005) e da contemporaneidade dialogarei com Michel Foucault (2001) em diálogo com Nietzsche e alguns outros autores latino americanos que trazem conceitos e teorias, fazendo críticas e utilizações de epistemologias outras.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento. Modernidade. Pós-modernidade.

ABSTRACT

This text is the result of a theoretical approach from modernity to postmodernity, which third, in order to analyze some theorists and their theories or theorization in epistemological and postmodern modernity, which established the use of reason as a formulation tool scientific knowledge, or for many the search for scientific truth. In addition to establishing an understanding of why, the theories of postmodernity launch a critique of these modern paradigms about the truths of scientific knowledge. Based on a qualitative research, I will establish conversation and present authors of modernity and contemporaneity and their studies, they are: René Descartes (2007), John Locke (2012), Immanuel Kant (1999), Marx (2005) and contemporary I will dialogue with Michel Foucault (2001) in dialogue with Nietzsche and some other Latin American authors who bring concepts and theories, criticizing and using other epistemologies

KEYWORDS: Knowledge. Modernity. Post-modernity

¹ Universidade Tiradentes-UNIT; Mestranda em Educação, GPHMEI – Grupo de Pesquisa História, Memória, Educação e Identidade; e-mail: rafinhamattos0116@gmail.com

² Universidade Tiradentes-UNIT; Doutora em Educação-Unicamp; GPHMEI – Grupo de Pesquisa História, Memória, Educação e Identidade; e-mail: rafinhamattos0116@gmail.com



1 Introdução

Às vezes eu temo escrever.
A escrita se transforma em medo,
Para que eu não possa escapar de tantas construções coloniais.
[...]

Enquanto eu escrevo
Eu não sou o Outro
Mas a própria voz
Não o objeto, Mas o sujeito.
Torno-me aquela que descreve
E não a que é descrita
Eu me torno autora,
E a autoridade
Em minha própria história
Eu me torno a oposição absoluta
Ao que o projeto colonial predeterminedou
Eu retorno a mim mesma
Eu me torno: existo.
(Grada Kilomba - Enquanto eu escrevo).

Em um caminho frio e solitário que a escrita se constitui, enquanto amarras acadêmicas, trago comigo esses versos poéticos de Kilomba³ para me acompanhar nesta trajetória da escrita deste texto. A escolha destes versos foi de sensível relevância para o meu trabalho. Eu, enquanto pesquisadora negra em início de sua trajetória, no mundo da pesquisa, em uma sociedade com requisições coloniais e uma escrita carregada de medos e silenciamentos, a escrita é a maneira pela qual encontro minha voz negra, voz mulher, voz pesquisadora por muito tempo calada. Nesse início de trajetória no mundo da pesquisa, quero sempre exercitar uma escuta sensível, observar em cada experiência/vivência das vozes que ecoam no cenário no mundo.

Neste sentido, a construção deste trabalho é fruto dos encontros e desencontros de leituras feitas de um recorte teórico desde a modernidade até a pós-modernidade, as quais terço, como objetivo analisar alguns teóricos e suas teorias ou teorização na modernidade epistemológica e na pós-moderna, que estabeleceram o uso da razão como ferramenta de formulação de conhecimento científico, ou para muitos a busca da verdade científica. Ao entrar no Mestrado, trago uma bagagem de dúvidas, medos e vontade de aprender e

³ Grada Kilomba, escritora portuguesa que tem ênfase nos estudos do racismo e pós-colonialismo.



desaprender para melhor desenvolver minha pesquisa. Assim, no primeiro dia de aula de Fundamentos Epistemológicos e Metodologia de Pesquisa, a professora Andréa Karla já me provoca, ao trazer o Prof.º Dr. Vitor Hugo Mendes, para fazer uma linha cronológica do conhecimento epistemológico, o qual ele analisa cada tempo histórico e suas contribuições para o desenvolvimento do conhecimento até chegar ao pensamento ocidental da atualidade. Depois da colocação do professor fiquei inquieta com alguns questionamentos que me fez. Neste sentido, percebo, o quanto se fez importante, a abordagem na disciplina de autores que marcaram a modernidade em buscar provar a verdade totalizante do conhecimento científico.

Esse trabalho tem como objetivo analisar alguns teóricos e suas teorias ou teorização na modernidade epistemológica e na pós-modernidade que estabeleceram o uso da razão como ferramenta de formulação de conhecimento científico, ou para muitos a busca da verdade científica. Além de estabelecer o entendimento do porquê, as teorias da pós-modernidade lançam uma crítica a estes paradigmas modernos sobre as verdades do conhecimento científico. Visto que os modernos tinham o foco apenas no sujeito e o objeto. Mas, agora as análises dos chamados pós-modernistas estariam nos discursos e nas práticas do sujeito. Assim, as relações de poder e saber que possibilitam múltiplas formas de ter o conhecimento na pós-modernidade faz pensar em novas formas de conhecimento, epistemologias “outras”.

O uso da razão na antiguidade, em busca do conhecimento, foi a peça central para os estudos dos filósofos modernos. Descartes (2007), Locke (2012), Kant (1999) e Marx (2005) chamados por alguns historiadores de estruturalistas, vão se lançar no desenvolvimento de teorias do conhecimento que estuda o “eu” em função do conhecimento, amarrando o objeto ao sujeito. Eles foram fundamentais para estabelecermos relações com a verdade científica mesmo na contemporaneidade, estes estudos do norte global que totalizaram o conhecimento e o deixaram em uma caixinha da verdade universal não dão mais conta de explicar as verdades do presente que nós, enquanto sujeitos históricos nos lançamos a produzir.

Nos enquadramentos de uma pesquisa qualitativa, a intenção deste trabalho não é tirar a importância das teorias desses autores, mas mostrar como é preciso epistemologias “outras” para analisar as verdades do presente, parafraseando Foucault que defende que



“[...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.” (FOUCAULT, 2001, p. 11) que cercam a história. Assim, depois de vários encontros e desencontros com diversos autores, vou começar um bordado histórico, traçando os fios condutores que autores da modernidade bordaram para formular conhecimento científico do homem enquanto sujeito que age no tempo e no espaço fazendo história. Os modernistas que estabelecerei conversação e que apresentarei suas teorias para mostrar como estes defendiam suas verdades são: René Descartes (2007), John Locke (2012), Emmanuel Kant (1999), Marx (2008) e da contemporaneidade dialogarei com Michel Foucault (2001) em diálogo com Nietzsche e alguns outros autores latinos americanos que trazem conceitos e teorias, fazendo críticas e utilizações de epistemologias “outras”⁴ para entender os efeitos que os “pós”, principalmente o moderno, causaram na contemporaneidade.

2 Alinhado o fio de um bordado epistemológico

Peço licença aos meus leitores para justificar que as colocações aqui escritas neste artigo, serão para enfatizar as interpretações minhas das obras dos teóricos. Dessas, algumas não dei conta de explicá-las pelas próprias colocações, e me lancei nas interpretações de outros que em diálogos conseguiram explicar o que eu quero demonstrar. Mas, como já dito este trabalho não tem a intenções de tirar a importância destas teorias ou teorizações desses autores, mas, mostrar como é preciso epistemologias “outras” para analisar as verdades do presente, respeitando os acontecimentos e as várias relações de poder que cercam a história.

Foi na modernidade que a ciência como forma de conhecimento teve seu desenvolvimento. Os homens “[...]potencializam-se, ao máximo, as propriedades racionais do sujeito. Guiado pela produção de si mesmo, no artifício de sua razão – transcendental, totalizante e sintetizadora –, o sujeito, e sua crescente soberania, progride no ritmo de sua capacidade de dominar (objetivar) a natureza” (MENDES, 2009, p.39). Na modernidade é que o homem dá sustentação a uso da razão tornando-as a suas

⁴ “O uso do termo ‘outros’, por vezes no plural, por outras no singular, faz referência ao ‘modo outro’ destacado por Walsh (2014) ao discorrer acerca de outras maneiras de viver, ser e pensar, diferentes do padrão eurocêntrico estabelecido como herança da colonização”. (ALMEIDA, 2019, p. 13)



verdades universais quebrando com as fantasias míticas para dominar o mundo através de uma razão esclarecedora.

René Descartes (2007), um racionalista, considerado o Pai da filosofia moderna foi responsável pelas “[...]bases preliminares de uma reviravolta antropológica que ampara, na interioridade do sujeito, o critério de objetividade, o crivo supremo da verdade”, (MENDES, 2009, p. 40). Uma das grandes contribuições de Descartes foi o método cartesiano, em que ele descreve as quatro etapas de como desenvolver uma boa pesquisa, aplicando a evidência, a análise, a sintetização e a enumeração. Descartes considerava que a razão era a única e verdadeira fonte de conhecimento, assim o autor:

[...] desenvolve seu pensamento influenciado pela questão do método e pela necessidade de romper com as premissas que havia recebido em sua formação. Para ele, não se trata apenas de interpretar a natureza, mas também de tematizar a validade do conhecer. (PRESTES, 1996, p. 16)

Descartes (2007), ao propor essa recusa do meio externo, propõe um distanciamento do mundo sensível e afasta-se das suas experiências. Ele internaliza-se para o autoconhecimento enquanto sujeito de razão (cogito) pode tematizar o conhecimento. A construção do método cartesiano é constituído da própria dúvida. A dúvida surge em relação a tudo o que não for deste “eu” pensante, o que seria o mundo sensível, tudo o que não pertence à própria razão. “A opção da modernidade por esse modelo de racionalidade tem justificado a ação de controle e previsões de ação do sujeito sobre o objeto” (PRESTES, 1996, p. 16). Este método cartesiano foi e é importante para pesquisadores terem controle e uma organização do seu objeto de pesquisa como Prestes (1996) afirma. “A racionalidade ocidental se revela, então, no modo de fazer ciência, conforme o projeto baconiano-cartesiano” (p. 16).

Descartes, (2007) “[...] reivindica uma nova causalidade do pensar, que entrelaça conhecimento e natureza humana. [...] É sob o impacto dessa reviravolta instaurada por Descartes a consciência subjetiva, racional e autônoma que se desenvolvem, de modo geral, as questões pertinentes à formação do homem moderno.” (MENDES, 2009, p. 41). As ideias de Descartes inauguram uma nova forma de pensar o conhecimento através da racionalidade.



No desenrolar da modernidade outro filósofo se caminhará para formular o conhecimento totalizado. Calçado nas suas verdades, John Locke (1999) é opositor das ideias racionalistas de Descartes. Em sua obra *O Ensaio Sobre o Entendimento Humano*, o autor defende a tese de que o conhecimento é fundamentado nas experiências sensíveis. “[...] só a experiência preenche o espírito com ideias”. Investigando e examinando a relação das ideias com a realidade, Locke deixa claro que: “O conhecimento ele é empírico construído através das sensações que são construídas por cada um.” (LOCKE, 1999, p. 34). O ensaio se propõe a buscar a origem, a certeza e extensão do conhecimento, contrapondo o racionalismo defendido por Descartes.

Immanuel Kant (1999) vai estabelecer um diálogo entre as ideias opostas da racionalidade de Descartes e empiria de Locke para melhor desenvolver e fundamentar o conhecimento. Kant questionava “se podemos restringir o conhecimento a um conhecimento do mundo objetivo. Se não é possível argumentar de modo empirista, o nosso conhecimento tem uma base dentro do próprio sujeito. Ou seja, o sujeito impõe ao objeto suas condições de compreensão” (PRESTES, 1996, p. 17). O autor, defende que o sujeito faz parte do objeto, e o objeto faz parte do sujeito, ele não desassocia os dois, assim “afirma o dualismo entre o inteligível (liberdade) e o sensível (natureza).” (PRESTES, 1996, p. 19). Kant (1999) desenvolve com sua pesquisa um dualismo entre a razão teórica (experiência) e a prática (moral autônoma).

Marx (2005) vai ser contra as colocações de Kant (1999), e formula uma crítica da razão por acreditar no “caráter excessivamente abstrato do homem” e defende uma prática social dos homens concretos (p. 20). Marx será importante para analisar a racionalidade de outra forma, além de acreditar nos interesses sociais que determina o conhecimento ele “reconhece as determinações materiais da racionalidade.” (PRESTES, 1996, p. 20-21). O autor desassocia o objeto do sujeito ao defender que, não é o objeto que determina o sujeito, mas o sujeito que determina o objeto. Marx vê o homem como um ser histórico social.

Prestes (1996), fala em seu livro, *Educação e racionalidade: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola*, que todas estas teorias que foram formuladas entre o século XVIII e XIX foram “[...] tentativas de formular uma expressão teórica à autonomia pretendida com a modernidade” (p. 21). Vejo como foi necessário



para estes teóricos desenvolver pesquisas que lhes desse autonomia enquanto sujeitos que dominariam o conhecimento e totalizariam a verdade como universal.

Mas, como o homem é um sujeito histórico, que ao decorrer dos séculos estabelece relações de poder, as quais determinaram, e determinam a forma de saber universal, e da verdade, esses teóricos começam a ser criticados. “[...] É Nietzsche, no século XIX, quem inaugura uma nova crítica ao poder unificador da razão, formulando um ataque radical a suas ilusões, questionando a validade de sua autonomia e seu suposto poder emancipatório.” (PRESTES, 1996, p. 22). Tentarei estabelecer nesse texto um diálogo, entre Foucault (2003) e Nietzsche, o qual o próprio Foucault defende que estas interpretações sobre Nietzsche são dele, assim

O conhecimento foi, portanto inventado. Dizer que ele foi inventado é dizer que ele não tem origem. É dizer, de maneira mais precisa, por mais paradoxal que seja, que o conhecimento não está em absoluto inscrito na natureza humana. O conhecimento não constitui o mais antigo instinto do homem, ou, inversamente, não há no comportamento humano, no apetite humano, no instinto humano. Algo como um germe do conhecimento. De fato, diz Nietzsche, o conhecimento tem relação com os instintos, mas não pode estar presente neles, nem mesmo por ser um instinto entre os outros; o conhecimento é simplesmente o resultado do jogo, do afrontamento, da junção, da luta e do compromisso entre os instintos. É porque os instintos se produzem. Este algo é o conhecimento. (FOUCAULT, 2003, p.16)

A citação acima mostra como Nietzsche rompe com a verdade universal empregada ao conhecimento através da racionalidade. Ele quebra com a lógica de prender o objeto no sujeito. Os modernistas “sempre caracterizaram o conhecimento pelo logocentrismo, semelhança, pela adequação” (FOUCAULT, 2003, p. 22). Nietzsche, sai dessa lógica de aproximação com o “eu” sujeito estabelecida na modernidade, e defende que para saber realmente o que é o conhecimento e necessário compreendê-lo, aproximando-se das lutas e as relações de poder na sociedade, apenas assim que chegaremos à raiz do conhecimento entendendo “[...] as maneiras como as coisas entre si, os homens entre si se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, querem exercer uns sobre os outras relações de poder” (FOUCAULT, 2003, p. 23).

Com essas ideias de Nietzsche difundidas por Foucault (2003), sobre o conhecimento, ele inaugura um novo conceito de epistemologia que vai lançar críticas à



modernidade e abrir possibilidades para novas discussões sobre o conhecimento. Questões que os modernistas não deram conta de responder. A Pós-Modernidade⁵ será palco para discussões que estarão associadas a discursos e práticas do sujeito que vive historicamente em conflitos e lutas estabelecidas pelas relações de poder que se entrelaçam e legitimam as formas de conhecimento. Continuando a beber de Foucault, o qual defende que “a verdade não existe fora do poder ou sem poder” (FOUCAULT, 2001, p. 10) porque:

[..] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Este efeito de poder que o autor defende tem um de seus sentidos, quando por tanto tempo fomos influenciados pelas produções da modernidade, que totalizaram uma verdade universal desenvolvida pelos estruturalistas. Assim Foucault rompe com estas ideias ao se auto nomear ante estruturalista, por acreditar que o estruturalismo “tenha sido o esforço mais sistemático para eliminar, não apenas da etnologia mas de uma série de outras ciências e até da história” (Foucault, 2001, p. 6). Desta maneira, há uma necessidade de parar de colocar os acontecimentos em caixinhas e montar estruturas, isso é, o acontecimento, no estruturalismo está no impensável, algo fora do racional, mas, nos pensamentos do autor é preciso “distinguir os acontecimentos”, pois:

⁵ “O conceito de pós-modernidade é bastante complexo, mas, de modo geral, há acordo de que se refere ao fim de um período, uma despedida da modernidade, do eurocentrismo. Jean François Lyotard, na obra *O Pós-Moderno* (a edição francesa é de 1979) entende que nas sociedades mais desenvolvidas, devido ao contínuo aceleração do consumo, toda a produção cultural torna-se efêmera, havendo também um consumo cada vez mais rápido de linguagens e signos. É um conceito que se opõe à modernidade, enquanto crença na utopia do progresso, no otimismo do iluminismo e na unidade da razão. As assim chamadas narrativas (como o sistema de Hegel e Marx) chegaram ao fim e perderam sua legitimidade, configurando a ruptura com o historicismo. Uma das consequências desse entendimento é a emergência de uma “radical pluralidade”, a multiplicidade de diferentes estilos de vida e a sensibilização para a diferença (em oposição à unidade). Há uma série de autores que se alinham a essa tendência, entre eles destacam-se J. Baudrillard, M. Foucault, J. Derrida”. (PRESTES, 1996, p.23)



A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem "sentido", o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. (FOUCAULT, 2001, p.6)

Segundo o autor é necessário a construção de uma genealogia “isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história.” (FOUCAULT, 2001, p. 7). É construir conhecimento através das vozes dos sujeitos, é ser sensível e visualizar as narrativas que se estabelecem com os discursos que se desenvolvem como resistência das lutas de poder que como pesquisadora, que vive em um país Latino, e sabe todo o cenário que a América Latina, como também a África e a Ásia sofreram com o colonialismo e o imperialismo, os quais foram submetidos e enquadrados às formas de verdades que as relações de poder estabeleceram, assim vejo como Foucault(2001) defende que:

A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. "Regime" da verdade. Esse regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo. (p. 11)

Estes regimes de poder são fortes e perpetuam na sociedade até os dias de hoje. O campo da educação e comunicação é um dos veículos de manutenção e potencialização que sustenta este sistema de poder ideológico, estrutural e econômico, o qual foi pensado e fortalecido quando foram lançados os estudos das epistemologias modernas. Como sabemos, o processo de comunicação com finalidade educativa é bem mais antiga que os avanços tecnológicos trazido pelas globalização. O homem quando lança o seu olhar para o desenvolvimento científico, lá na modernidade, pensava no progresso e otimização que o futuro promissor iria trazer, ou seja a manutenção da verdade que eles estavam perpetuando.

O avanço e desenvolvimento científico trazido na pós modernidade muda a perspectivas deste cenário que foi vivenciado na construção do conhecimento histórico



da América Latina, há alguns anos vem sendo desenvolvido epistemologia “outras”. Segundo Walsh (2014) usar o termo “outro” serve para se referir ao que construímos enquanto sujeitos históricos. É legitimar conhecimento outro, que não é europeu, que não é hegemônico e que tem sua potência, sua existência, sua forma de ser e estar no mundo. Mas, sim que foram silenciadas e marginalizadas pela fábrica epistemológica das teorias do sul global, estas que não deram conta de responder as relações de poder que se estabeleceram durante os processos de invasões e genocídios da colonialidade que não é um processo desassociado da modernidade, mas nascem juntos, fortificando-se espalhando-se pelos outros cantos do mundo.

Desta forma, vendo que todas as ideias que são implantadas com o processo de colonialismo foram construídas na modernidade. Vejo a necessidade que os autores pós-modernos na atualidade lançaram e lançam críticas a estes arranjos modernos de conhecimento. Na América Latina desenvolve-se o decolonial⁶ que é um caminho para desconstruir um conhecimento hegemônico que nos foi imposto e que, por nós, só desqualifica os nossos saberes, as nossas construções. Na tese *Entre Gritos e silêncios: ecos de uma Pedagogia de (re)existência com meninas quilombolas*, de autoria da Prof.^a Dr. Mirianne Almeida⁷, a autora justifica-se pela escolha de epistemologia “outras” para falar de sujeitos silenciados e marginalizados na sociedade, e enfatiza a importância do uso de “autoras e autores latino-americanos, acadêmicos, militantes – sujeitos que têm assumido a autoria dos conhecimentos que produzem, em territórios epistemologicamente marginalizados” (ALMEIDA, 2019, p. 17). Ressoam vozes de sujeitos, por muito tempo silenciados diante das teorias modernas que ditavam qual conhecimento era o certo.

Almeida (2019), junto com autores como Pain (2005), Quijano (2005), Maldonado Torres (2007), e Walsh (2009) traçam estudos que trazem epistemologias “outras”, entendendo como “outras formas ou “modo outro” que fazem questionar as relações de poder estabelecidos” (ALMEIDA, 2019, p. 17), conhecimento e a necessidade

⁶ Nasceu nos anos 90 do século XX, como movimento de reivindicação de pesquisadores em relação à autonomia e legitimidade do conhecimento produzido na América Latina, palco da colonização. (ALMEIDA, 2019, p.13)

⁷ A referência desta autora é essencialmente importante, por ser uma mulher negra, que ver na universidade a oportunidade de que desenvolveu uma pesquisa gritando na construção e (des)construção nas entrelinhas do racismo na sociedade que foi desenvolvida em um território quilombola. Foi uma produção acadêmica do PPEd da Universidade Tiradentes.



destas epistemologias para reescrever historicamente sujeitos inferiorizados e marginalizados por tanto tempo na história. Estes autores em diálogo, apontam que a colonização junto com a colonialidade aconteceu e deixou resquícios, pois estas são construídas da modernidade⁸, e não derivada” (MIGNOLO, 2005, p. 75). Portanto, é necessário traçar diferentes possibilidades de descortinar a colonialidade, nas esferas do Ser, de Saber e Poder.

A autora, Mirianne Almeida (2019), em diálogo com Maldonado Torres e Quijano afirma que:

[...]a colonialidade perpassa todos os âmbitos da existência e pode ser compreendida em diferentes dimensões. Por exemplo, a “colonialidade do ser” é exercida a partir do processo de hierarquização e da desumanização, pautada no eurocentrismo, elegendo sujeitos inferiores e superiores, pondo em dúvida o valor humano, a capacidade de raciocínio e cognição dos sujeitos colonizados (MALDONADO-TORRES, 2007). Noutra dimensão, pertinente para o pensamento decolonial, a “colonialidade do saber” se exercita pela imposição do padrão de pensamento e produção do conhecimento, essencialmente europeu, como universal e legítimo, subalternizando outras racionalidades e perspectivas epistemológicas, acadêmicas e, de modo geral, excluindo outros saberes que não sejam europeus. (ALMEIDA, 2019, p. 20)

Como fica explícita na citação a cima, a colonialidade deixou marcas na esfera do poder e do saber, legitimando apenas um tipo de conhecimento, como uma fábrica, a qual os setores trabalham juntos para o desenvolvimento desta esfera, como Almeida (2019) em diálogo com Foucault afirma que “é importante considerar que onde o poder se constitui, emergem pontos de resistência – nem sempre na mesma proporção.” (p. 21). Pontos estes que quebram com a lógica do Europeu fabricante de conhecimento científico. A necessidade que se nota na contemporaneidade é da reescrita da história, para possibilitar espaços de falas “outras”, produzidas de um outro lugar não-europeu, de povos que foram subalternizados, na sociedade brasileira no processo de colonização. Segundo Maldonado-Torres (2007),

⁸ “[...] a modernidade não foi um projeto gestado no interior da Europa a partir da Reforma, da Ilustração e da Revolução Industrial, às quais o colonialismo adicionou. Contrariamente a essa interpretação que enxerga a Europa como um contêiner – no qual todas as características e os traços positivos descritos como modernos se encontrariam no interior da própria Europa –, argumenta-se que o colonialismo foi a condição sine qua non de formação não apenas da Europa, mas da própria modernidade. Em outras palavras, sem colonialismo não haveria modernidade (BERNARDINO-COSTA; GROSFUGUEL, 2016, p. 17)”. (ALMEIDA, 2019, p. 20)



O colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação, o que constitui a referida nação em um império. Diferente desta idéia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

Mesmo com o colonialismo e a colonialidade estreitamente relacionados, o fator determinante no processo de colonização feita pelos Europeus, foi o conceito de raça que legitimou as relações de dominação. Quijano (2005) defende que o “estabelecimento subsequente da Europa como uma nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu pelo resto do mundo conduziram ao desenvolvimento da perspectiva eurocêntrica do conhecimento” (QUIJANO, 2005, p. 103). A colonização trouxe uma hegemonia a Europa elegendo-a como referência universal de produção de conhecimento, deslegitimando e marginalizando outras epistemologias.

Assim, como Almeida (2019) em diálogo com Walsh (2014), “[...] a decolonialidade se constitui como postura ontoepistemológica, a partir das práticas de resistência, entendidas como “plurais”, de grupos historicamente marginalizados” (p. 21 - 22). É essencial fazer uso de uma escuta sensível, lança possibilidades para ouvir vozes “outras” – que contam suas próprias experiências e história. Como defende Paim (2005) em diálogo com Thompson. Neste sentido, é necessário “perceber que enquanto pesquisador não posso querer enquadrar meu objeto dentro de determinado molde teórico, como os estruturalistas quiseram na modernidade, que teoria deve ser uma ferramenta que me possibilite, que me auxilie a ler o “real”.” (PAIM, 2005, p. 62). Assim, como diz Thompson (1981) “o objeto do conhecimento histórico é a história “real”, cujas evidências devem ser necessariamente incompletas e imperfeitas” (THOMPSON, 1981, p. 51).

Paim (2005), em diálogo com Benjamim, aponta a importância de “[...] não fazer uma história no contra-discurso e sim fazer aparecer nela o outro que ficou apagado, expropriado, tirado de cena, integrando os excluídos” (PAIM, 2005, p. 158). Nesta perspectiva, não pode transformar as pessoas em meros objetos e aplicar a teoria, mas



usar a teoria para compreendê-los melhor, saber que está trabalhando com pessoas que tem vozes potentes, para serem protagonistas da reescrita da sua história. Walsh (2009) afirma que “[...] assumir esta tarefa implica em um trabalho de orientação de-colonial” (WALSH, 2009, p. 24).

Considerações Finais

A partir do exercício de estabelecer diálogo com autores citados neste texto, fiz ecoar nas linhas escritas epistemologias que por muito tempo foram vistas como as únicas formas de verdade do conhecimento científico, como também epistemologias que no decorrer dos processos históricos lançaram e lançam questionamentos, produzindo estudos para esclarecer tais verdades sobre o conhecimento e mostrar a necessidade de epistemologias outras. A partir das leituras dos textos que foram estudados ao longo da disciplina os autores vão me mostrando suas importâncias que atravessam todo o processo histórico que constitui o conhecimento.

Assim, como em um bordado tentei estabelecer os fios condutores que vão se cruzando e formando um desenho, conduzindo teorias na direção de analisá-las para responder os questionamentos sobre o conhecimento. Sem pretensão de esgotar o tema, espero que pesquisas como esta, que fazem questionamentos sobre o conhecimento científico, sejam empreendidas como ferramentas de reescrita de histórias outras.

Em suma, espero que este artigo oportunize a construção de outros diálogos, que ecoem a importância das construções epistemológicas da modernidade, mas, também mostrem como é preciso entender as relações que estabelecem na sociedade. Assim, por acreditar que para compreendê-las é preciso o uso de novas epistemologias, que possibilitem lançar olhares e compreensões do sujeito, que em meio das relações de poder é capaz de ser construtor de conhecimento científico.

Referências

ALMEIDA, Marianne. **Entre gritos e silêncios: ecos de uma pedagogia de (re) existência com meninas quilombolas**. Tese de (Doutorado em Educação) -Universidade Tiradentes, Aracaju: 2019. 165 f.il;

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas vol. 1).



DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e poder**. In: _____. *Microfísica do poder*. 16 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. p. 1-14.

FOUCAULT, Michel. **Conferência 1**. In: _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Nau: Rio de Janeiro, 2003. p. 7-27.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: João Tiago Proença. Edições 70, LDS. Lisboa. Portugal.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Cultura Mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Tradução Maria Lúcia Machado. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Comunicação: Interconexões e Convergências**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008 651 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.) **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana- Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007.p. 127-167.

MENDES, Vitor Hugo. **Sujeito, subjetividade e educação: as bases fundantes do discurso pedagógico moderno**. Revista Espaço Pedagógico, v. 16, n. 1, Passo Fundo, p. 38- 49, jan./jun. 2009.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. Tradução Isa Tavares. São Paulo: Bomtempo, 2005.

PAIM, E. A. **Memória e experiência do faz-se professor/** Elison Antonio Paim. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

PAIM, E. A. **Para além das leis: O ensino de cultura e história africana, afrodescendentes e indígenas como decolonização do ensino de história**. In: MOLINA, Ana Heloisa; FERREIRA, Carlos Augusto Lima. *Entre textos e contextos: caminhos do ensino de História*. Curitiba: Ed. CRV, 2016, p.141-166.

PRESTES, Nadja Mara Hermann. **Educação e racionalidade: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola/**. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. 138 p. – (Coleção Filosofia: 36).



QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas.** Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: Entre concepções, tensões e propostas.** Rio de Janeiro. 7 Letras, 2009, p.12-42.

WALSH, Catherine. Pedagogías Decoloniales. Caminando y Preguntando. Notas a Paulo Freire desde Abya Yala. **Entramados-Educación y Sociedad**, n. 1, vol. 1, p. 17-31, 2014.